A PRISÃO CHAMADA LIBERDADE

Ana Rita Fontes Nascimento

"Liberdade é pouco, o que eu desejo ainda não tem nome"

Clarice Lispector

Enquanto aluna de Colégio Militar, ouvia que éramos perfeitamente livres para fazer o que quiséssemos, desde que arcássemos com as consequências. Eu ouvia também que o fato de eu escolher permanecer no colégio era uma manifestação pura da minha liberdade. "Se não quer seguir as regras, basta sair do colégio". Eu "entrava em forma", uma expressão militar usada no sentido de se agrupar para momento cívico, me identificava por número, fazia continência para qualquer superior por quem eu passasse, usava uma farda desconfortável, era submissa a diversas regras básicas, como não usar relógio no lado direito, e estava constantemente sobre vigilância. Em *Vigiar e Punir*, Foucault compara a escola com presídios, especialmente na configuração do espaço físico - em que salas são distribuídas lado a lado sem nenhuma comunicação, muros altos, grades, a sala da diretoria que tem acesso a tudo,

Não é necessária a apresentação ao conceito de liberdade, uma vez que é de senso comum, apesar de difícil definição concreta, mas, simplificando, pode ser entendido como o exercício do livre-arbítrio sem a existência de uma força tirana, ou seja, a livre escolha. A ideia de liberdade é um dos valores, senão o maior, que a sociedade em seu modo de organização dominante atual mais enaltece e é um dos direitos primários do indivíduo. Ao longo da história, as principais revoluções buscavam o fim de governos tiranos e ditatoriais e manifestações sociais pleiteavam o direito do exercício de liberdade. Hoje, esses eventos históricos são comemorados como um marco necessário para a formação da sociedade atual, uma sociedade em que ser livre se tornou a máxima do modo de vida.

O convívio social atual é marcado por reivindicações de liberdade: liberdade religiosa, liberdade de expressão, liberdade de se relacionar, liberdade de exprimir o gênero, liberdade de andar na rua... E

Para não entrar no âmbito político e econômico, não tenho o objetivo de questionar se o sistema que se dita "liberal" o é mesmo, ainda que acredite que não. Problematizo o seguinte: o que é ser verdadeiramente livre? Por que damos tanto valor a isso?

Retornemos ao livro mais famoso de todos os tempos: a Bíblia. Quem cresce em lar cristão, ou até quem é ateu, já ouviu falar da história de Adão e Eva, e, a partir dela, temlivre-arbítrio". Ora, Deus deu o livre-arbítrio para Adão e Eva comer ou não o fruto proibido, mas os puniu. Existia, então, uma possibilidade de escolha?

O ponto que quero chegar não é se somos livres plenamente, já que a história da humanidade e a experiência pessoal deixam evidente que não há liberdade plena. Vivemos cercados por limites, normalmente expressados em forma de norma obrigatória, e a nossa liberdade se restringe a eles, c se vivêssemos em um sistema de liberdade condicional, que para quem não entende, não "entrar em forma" ou geraria punição.

Isso exposto não é novidade, mas é necessário deixar claro que ninguém escolhe ser punido. Quando fazemos uma determinada escolha, não optamos por todas as consequências que dela vier, até porque não é possível prever. Se não, culparíamos uma mãepor ter criado um filho que no futuro acabou por matá-la, por exemplo.

Entretanto, o foco vai além disso para uma questão muito mais subjetiva. A tese que defendo aqui é de que não existe ser livre, nem em uma liberdade plena e nem em uma "liberdade condicional". Isso não significa que não fazemos escolhas, pois as fazemos, mas em nenhum momento, ou em raros momentos, essas escolhas dependem de nós, do nosso interesse ou da nossa individualidade.

Em 2020, a Organização Mundial da Saúde declarou uma pandemia devido à ce a saúde pública global entrou em estado de calamidade. Para conter a proliferação da doença foram tomadas como medidas sanitárias como o isolamento social e uso de máscara, caso houvesse necessidade de sair de casa, ainda assim, devendo ser respeitado o distanciamento social. Então, principalmente no início da pandemia, nos meses de março e abril, a maioria das pessoas se isolaram em suas casas e o fluxo de circulação de pessoas, até em grandes centros urbanos, diminuiu. Pela mídia, foram diversas as propagandas e tentativas de incentivo para conscientizar a população da importância de respeitar o isolamento, como se

dependesse da livre escolha do cidadão. Realmente há uma escolha, ficar ou não em casa, mas ela acontece livremente?

Não. Tudo dependerá do seu convívio social, se ao redor da sua casa o comércio fechou, se seus amigos também cumprem a quarentena, como é o seu ambiente familiar, o que você vê nas redes sociais e até qual político apoia. Esses fatores levam a ser tomada uma decisão, não sendo praticamente possível a tomada de outra. Independentemente da quantidade de opções possíveis, somos condicionados pelo nosso meio a escolher uma. Então, esse meio representa uma força tirânica, independente da nossa vontade, que não permite o exercício do "livre-arbítrio".

Por mais que possa parecer ser uma necessidade natural do ser humano, de acordo com Hannah Arendt, a liberdade só é tomada em consciência a partir do relacionamento com o outro, portanto, é algo inerente ao convívio social e à política. Também, o conceito "ser livre" é manipulado de forma a interligar com as ideias de individualidade e autonomia, tornando-se quase impossível enxergar a existência de um sem o outro. Ou seja, somos expostos a um leque de opções e, sem saber que somente uma é viável, pensamos que a escolha é nossa, no sentido literal de posse.

Lembro-me de quando li Goffman pela primeira vez. Em seu livro *A representação do eu na vida cotidiana*, o autor descreve quase que impecavelmente como se dão as relações sociais, como nos expressamos e como agimos. Eu pensei, então: se somos tão previsíveis, como é possível exercermos uma autonomia ou uma liberdade? Enquanto indivíduos, somos seres extremamente manipuláveis e frágeis, sem qualquer tipo de independência, inclusive nas escolhas. Mas se não em nós somente, onde podemos expressar a liberdade tão almejada por todos?

Não em forma de "livre-arbítrio", porque esse conceito é utópico. Aalternativa possível e só poderia ser essencialmente praticada quando, ironicamente, em grupo, ou seja, através da igualdade.

"Este texto foi produzido por meio do Programa de Fomento Cultural - Bolsa de Fomento à Criação / Estudante UFMG"

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir*. Petrópolis: ED. VOZES, 2003.

LISPECTOR, Clarice. *Perto do coração selvagem*. 9 ed. p. 50. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1980.

GOFFMAN, Ervin. *A representação do eu na vida cotidiana.* 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

RUBIANO, Mariana de Mattos. *Liberdade em Hannah Arendt.* 2011. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. doi:10.11606/D.8.2011.tde-09112011-145638. Acesso em: 2020-10-27.